

ECOSSISTEMA TURÍSTICO ARUBA: RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE DESTERRITORIALIZAÇÃO, AUTOPOIESE E APRENDIZAGENS

Tourism Ecosystem of Aruba: Experience Narratives on Deterritorialization, Autopoiesis, and Learning

Mara Regina Thomazi¹ & Maria Luiza Cardinale Baptista²

RESUMO

O artigo traz a reflexão sobre as marcas latino-americanas, nas experiências de interação linguística em ecossistemas turísticos, a partir de relatos de experiência de viagem, cuja proposta era imersão em Língua Inglesa, em Aruba, uma ilha do Caribe, localizada ao norte da costa da América do Sul. Nesse sentido, o objetivo geral é compreender como processos de desterritorialização, autopoiese e aprendizagens se manifestam nas vivências dos participantes. A abordagem tem fundamentação teórica marcada pela complexidade ecossistêmica, de estudos sobre Turismo, Comunicação, Linguagem e Subjetividade. Metodologicamente, orienta-se pelas estratégias de Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas, com ênfase operacional em cartografia bibliográfica e relatos de experiência, como procedimentos. A experiência de viagem é marcada por micro acontecimentos, tratados aqui como dobras esquizoanalíticas, que revelam transformações dos sujeitos, especialmente nos encontros com o Outro, nas incertezas e nas interações culturais e linguísticas. A imersão evidencia, ainda, processos nos quais os sujeitos mobilizam diferentes estratégias comunicacionais para se fazer entender, o que denominamos como desbabelização. A experiência da Imersão em Aruba promoveu deslocamentos e encontros, favorecendo processos de reinvenção dos sujeitos, ampliando aprendizagens linguísticas, culturais e existenciais. Há nítidas marcas latino-americanas, que podem vir a se constituir como sinalizadores para a potencialização de ecossistemas turísticos e ecossistemas comunicacionais linguísticos, marcados pela amorosidade, como disposição para o encontro, a convivência.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Aruba; Desterritorialização; Autopoiese; Aprendizagens.

¹ **Mara Regina Thomazi** – Doutoranda e Mestra em Turismo e Hospitalidade. Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1894753709003626>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2301-4942>. E-mail: marathomazi@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² **Maria Luiza Cardinale Baptista** – Doutora em Ciências, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Docente do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul. Coordenadora do Amorcomtur! Ecossistema de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2996705711002245>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7096-1160>. E-mail: maluluizacardinalebaptista@gmail.com.

ABSTRACT

This article brings a reflection on Latin American characteristics within experiences of linguistic interaction in tourism ecosystems, based on travel experience narratives from an English language immersion in Aruba, a Caribbean island located north of the South American coast. It seeks to understand how processes of deterritorialization, autopoiesis, and learning emerge through the participants' experiences. The approach is theoretically grounded in ecosystemic complexity and in studies on studies involving Tourism, Communication, Language, and Subjectivity. Methodologically, it is guided by the strategies the Cartography of Knowledge and Rhizomatic Matrices, with an operational emphasis on bibliographic cartography and experience narratives as procedures. The travel experience is marked by micro-events, treated here as schizoanalytic folds, which reveal subjective transformations, especially through encounters with the Other, uncertainties and cultural and linguistic interactions. The immersion also highlights processes in which individuals mobilize different communicational strategies in order to make themselves understood, a phenomenon called here as "debabelization." The immersion experience in Aruba fostered movements and encounters, encouraging processes of reinvention of the subjects while expanding linguistic, cultural, and existential learning. Clear Latin American characteristics emerge, which may become indicators for strengthening tourism ecosystems and linguistic-communicational ecosystems marked by lovingness and an openness toward encounters and coexistence.

KEYWORDS

Tourism; Aruba; Deterritorialization; Autopoiesis; Learning.

BON BINI, WELKOM, BIENVENIDO, WELCOME

Nunca imaginei que o fundo do mar seria assim: um silêncio vivo, com movimento e muita vida, peixes diversos, cores, recifes iluminados pela luz que vinha do céu. Nunca imaginei que meus olhos veriam isso. A cada giro do olhar eu nadava, admirada, sorria sozinha e pensava: 'Obrigada Deus, por me permitir viver isso'. (A Turista)

Eu também não tinha todas as informações. Eu não sabia as respostas para todas as perguntas deles. Era a minha primeira vez ali, então eu andava com o mapa nas mãos, e, no pensamento, traçava o caminho e imaginava os destinos. Havia nisso uma verdade: quem conduz, também se perde. (A Guia de Turismo)

Foi incrível ver como os alunos conseguiam se comunicar em Inglês, pedindo comida, fazendo compras, conversando com funcionários do hotel. Eles se faziam entender. Entre falas e gestos que completavam sentidos. Construíam pontes para a comunicação, mesmo com medo, mesmo errando. (A Professora de inglês)

Todas essas vozes atravessam um mesmo sujeito que, nessa experiência, foi pesquisadora, professora de Inglês, guia de turismo e turista, ao mesmo tempo. São fragmentos de vivências, registrados em diário de pesquisa, por uma das autoras, em coerência com a estratégia

metodológica que sustenta esta escrita. Essas vozes vêm do Sul e este texto insere-se no dossiê *Trilhas e vozes do Turismo desde a América Latina*, assumindo uma perspectiva que se constrói a partir deste lugar³.

O texto parte da experiência de sujeitos brasileiros que vivenciam um processo de desterritorialização, ao participarem de uma Imersão em Língua Inglesa, em Aruba. O destino turístico relacionado a essa abordagem é uma ilha, geograficamente situada na América Latina. Essa localidade turística apresenta especificidades que a configuram como um território singular para tal experiência: a proximidade geográfica com o Brasil, a coexistência de sujeitos que falam múltiplas línguas e melhores condições de acessibilidade financeira, quando comparado a outros destinos tradicionalmente associados ao aprendizado do Inglês.

O objetivo deste artigo é, portanto, compreender, a partir de relatos de experiência, como os processos de desterritorialização, autopoiese e aprendizagem se manifestam nas vivências dos sujeitos, contribuindo para a (re)configuração das experiências linguísticas e subjetivas.

Em termos metodológicos, o estudo qualitativo é orientado pela Cartografia de Saberes, em associação com as Matrizes Rizomáticas (Baptista, 2014; Baptista & Eme, 2023), configurando-se como uma abordagem processual, plurimetodológica e sensível às tramas complexas que constituem os fenômenos. Isso está em coerência com autores da Ciência Contemporânea como Edgar Morin (2002; 2013), a compreensão ecossistêmica de Fritjof Capra (2004;2010), a visão holística de Roberto Crema (1989) e com diversos estudos que vêm sendo desenvolvidos no Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese.

Os relatos de experiência integram uma proposição metodológica que valoriza a implicação do sujeito na pesquisa, já mobilizada em outros momentos na pesquisa em Comunicação e Turismo, pelas mesmas autoras (Thomazi & Baptista, 2016; 2017). Como procedimento de investigação, os relatos são escritos e, posteriormente, discutidos e, assim, processados mais densa e reflexivamente, “sovados”, conforme termo utilizado entre orientadora e orientanda. A partir dessa “sovagem” das situações vividas, as experiências revelaram transformações nos sujeitos, especialmente nos encontros com o outro, nas incertezas e nas interações culturais e linguísticas.

³ Essa visão, que dialoga com Boaventura de Souza Santos (2017), entende o Sul não apenas como uma localização geográfica, produzida pelas assimetrias impostas pela lógica do Norte. Trata-se de um espaço marcado por certas ausências, o que reforça a relevância de reconhecer, aprender e valorizar as epistemologias do Sul.

Destaca-se também a potência das ‘com-versações’⁴, como dinâmicas de produção compartilhada de sentidos e aprendizagens. A imersão evidencia, ainda, processos de desbabelização⁵, nos quais os sujeitos mobilizam diferentes estratégias comunicacionais para se fazer entender. Verifica-se ainda que, ao promover deslocamentos e encontros, alguns processos de reinvenção dos sujeitos são potencializados, ampliando aprendizagens linguísticas, culturais e existenciais. São processos de autopoiese, de autoprodução de si, em sintonia e acoplamento com o nicho ecológico, com a confluência e transversalização de ecossistemas (Maturana, 1998; Baptista, 2013).

Nesse contexto, são apresentadas reflexões sobre seis *dobras de viagem*, partindo do pressuposto de Deleuze (1988). Aqui as dobras são caracterizadas como micro acontecimentos na viagem, que são vividos e percebidos de diferentes modos e intensidades.

Assim, a seguir, o presente texto traz a contextualização do ecossistema turístico Aruba, apresentando elementos que caracterizam este território. Na sequência, são discutidos conceitos de de território e desterritorialização, articulando-os com a noção de autopoiese. Para as ‘com-versações’ sobre Turismo e Aprendizagens em Aruba, são apresentadas dobras de viagem e suas reflexões. Ao final da discussão, apresenta-se um quadro para sintetizar a discussão sobre os acontecimentos mais relevantes.

Por fim, vale dizer que este estudo integra uma pesquisa mais ampla que está sendo desenvolvida na Universidade de Caxias do Sul, em nível de doutoramento em Turismo e Hospitalidade, pelas autoras deste texto, como orientanda e orientadora.

ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

A viagem — no Turismo e na própria vida — pode ser compreendida como uma travessia e, até mesmo, como um percurso de aprendizagem, na medida em que se deslocar implica também aprender. As múltiplas experiências de viagens turísticas, investigativas e existenciais, constituem-se em processos de aprendizagem contínuos, aproximando-se, inclusive, do aprender uma língua estrangeira, como é o caso da Língua Inglesa. Em todos esses tipos de

⁴ O termo ‘com-versações’ é utilizado também como orientação metodológica, inspirada, por exemplo, em Maturana (1988) que traz o termo conversar como ato de dar voltas com (o outro), e que Baptista (2021) desenvolve, a partir da Esquizoanálise.

⁵ O termo vem sendo discutido pelas autoras, em pesquisa mais ampla, em nível de doutorado, como modo de superação das diferenças linguísticas, culturais e sociais e da quebra de barreiras comunicacionais.

percursos, somos convidados a valorizar mais o movimento da travessia, e menos o ponto de chegada, propriamente dito. Trata-se, portanto, de um exercício de presença, de abertura ao inesperado também e de disposição para “afetar-se” pelas experiências que emergem durante a jornada.

Nesse sentido, a jornada de pesquisa, vista aqui também como viagem investigativa (Baptista, 2020), pode ser compreendida como uma “travessia feliz” - não por ser isenta de tensões ou desafios, mas por afirmar a potência do próprio percurso de produção do conhecimento. Assim, investigar é também envolver-se, reconhecendo que é na travessia e nos encontros que emergem potências de aprendizagens. É assim que buscamos trabalhar nas produções do Amorcomtur!

A estratégia metodológica adotada para este texto, como já mencionado, é a Cartografia de Saberes, em associação com as Matrizes Rizomáticas (Baptista, 2014; Baptista & Eme, 2023). O termo Cartografia é inspirado, originalmente, nas obras de Suely Rolnik (2006), visto como um mapa que se faz, acompanhando a mudança da paisagem. Foi utilizado por Baptista para criação de suas estratégias metodológicas. Assim, a Cartografia de Saberes possui cinco trilhas: ‘Entrelaços Nós da Pesquisa’, Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva, Trama de Saberes Teórico-Bibliográfico-Conceituais, Usina de Produção ou Trama dos Fazeres e Dimensão Intuitiva da Pesquisa.

Destaca-se a importância da Trilha dos Saberes Pessoais para este texto, pois ela reúne os saberes que as autoras já trazem na sua bagagem sobre o assunto, o que observam nas diferentes vivências e as informações obtidas por meio de conversas com outros sujeitos viajantes. É a partilha de experiências de vida que se faz num processo de aproximação do sujeito pesquisador com o sujeito esquivo que constrói a pesquisa (Silva & Baptista, 2023).

Há ênfase, neste texto, também para a Usina de Produção ou Trama dos Fazeres, que aborda as aproximações e ações investigativas. Conforme Baptista, aproximações ou ações investigativas podem envolver procedimentos de coleta, análise ou descrição convencionais ou criados especificamente para a investigação em curso. Para esta pesquisa, foi realizada observação direta no campo, com produção de relatos em diário de pesquisa, que iniciaram já antes da viagem. Após o retorno da incursão no universo investigado, os relatos foram revisados e foram realizadas conversas, entre orientanda-orientadora, para processar e refletir sobre os episódios.

Pode-se dizer que, ao narrar a experiência vivida, é possível não apenas revisitar os acontecimentos, mas também ressignificá-los, ampliando a compreensão dos processos vividos. Nesse contexto, a narrativa assume um papel central como dispositivo de reflexão e produção de sentido. Posteriormente, considerou-se oportuno chamar os episódios de Dobras, com base em Deleuze (1988), indicando que cada uma dessas situações pode marcar os sujeitos de diferentes maneiras e intensidades.

Evidenciando a potência dos encontros nas viagens, o termo ‘com-versações’, proposto por Baptista, assim escrito, é inspirado no referencial teórico do Amorcomtur! Baptista (2021) desenvolve a derivação conceitual, associando Maturana à Esquizoanálise, como já mencionado. As ‘com-versações’ são, portanto, ações potentes de interação e conexões de saberes, o que valoriza o encontro com o outro e a potencialidade de aprendizagem durante esses encontros.

Na sequência da estratégia metodológica deste texto, as Matrizes Rizomáticas são uma proposição estratégica complexa, cuja denominação é inspirada na Esquizoanálise de Guattari e Deleuze (1996), especialmente no conceito de rizoma⁶. No âmbito da pesquisa, a utilização do conceito de rizoma implica compreender que as brotações (da pesquisa) são irregulares, às vezes autônomas, desafiando o pensamento e as práticas do pesquisador (Baptista, 2018). As Matrizes Rizomáticas são, operacionalmente, uma forma de visualizar, de modo sistemático, a sequência narrativa do texto, inspirando a produção e dando a possibilidade de verificar a coerência da pesquisa e de fazer possíveis alterações. Assim, o Quadro 1 mostra a Matriz adaptada para o presente artigo.

⁶ Rizoma é definido por Guattari e Rolnik (2000) como o sistema de caules subterrâneos de plantas flexíveis, que podem fazer conexões transversais.

Quadro 1. Matriz Rizomática adaptada para o presente artigo

Título	Objetivo	Divisões
Ecosistema Turístico Aruba: Relatos de Experiência de Desterritorialização, Autopoiese e Aprendizagens	Compreender, a partir de relatos de experiência, como os processos de desterritorialização, autopoiese e aprendizagem se manifestam nas vivências dos sujeitos, contribuindo para a (re)configuração das experiências linguísticas e subjetivas.	Introdução
		Estratégia Metodológica
		Ecosistema Turístico Aruba
		Desterritorialização, Autopoiese e Aprendizagens
		‘Com-versações’: Turismo e Aprendizagens em Aruba
		Considerações Temporárias

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026) com base em Baptista e Eme (2023).

ECOSSISTEMA TURÍSTICO ARUBA E O CONTEXTO DA IMERSÃO

Aruba é uma ilha do Caribe, localizada, no mapa, logo acima da Venezuela, que é conhecida como *One Happy Island* - Ilha Feliz⁷. As línguas oficiais são o Holandês e o Papiamento (mistura de Espanhol, Holandês, Inglês, Português e Línguas Africanas), sendo que o Papiamento ainda é o idioma mais falado entre os nativos. Mesmo assim, percebe-se que o Inglês e o Espanhol são falados por grande parte da população.

Os primeiros habitantes foram os Caquetios, indígenas da Venezuela (2500 a.C). Mais tarde, a ilha foi descoberta por exploradores espanhóis (mais ou menos no ano de 1500) e ficou sob seu controle por 137 anos. Posteriormente, os holandeses ocuparam a ilha (1636), por causa da sua localização estratégica. Durante a Guerra dos Oito Anos contra a Espanha, a ilha oferecia uma vista privilegiada para monitorar os navios espanhóis, e também garantir os estoques de sal. Hoje, Aruba é um país constituinte do Reino dos Países Baixos e mantém influência cultural e histórica holandesa. A capital Oranjestad mistura a arquitetura colonial holandesa e cores vibrantes das construções típicas do Caribe.

A *Aruba Tourism Authority (ATA)*, Organização de Marketing e Gestão de Destinos, publica mensalmente relatórios com dados referentes ao Turismo na região. Em fevereiro de 2026, registrou crescimento de 9% em relação às chegadas aéreas. Grande parte das chegadas aéreas registradas foram de: Estados Unidos, Canadá, Colômbia, Panamá, Holanda, Curaçao, Peru e São Paulo. A fins de comparação, o mesmo relatório referente a fevereiro de 2025, um ano antes,

⁷ As informações iniciais, dos dois primeiros parágrafos deste texto, estão disponíveis em: www.aruba.com, além de estarem fundamentadas em observações diretas com relatos em diário de pesquisa.

registrava crescimento de apenas 2.9% nesse quesito. Além das chegadas aéreas, há também os cruzeiros, sendo estes, em ordem de maior número turistas, provenientes da: América do Norte, América do Sul e Europa, tanto em 2026 como em 2025.

Percebe-se que o Turismo tem apresentado crescimento na ilha. Mesmo assim, a partir de observação direta, Aruba não apresentou, naquele momento, características associadas ao *overtourism*. Durante a Imersão, foi possível acessar as praias com tranquilidade, frequentar estabelecimentos de alimentação sem elevada demanda e visitar atrativos turísticos sem a ocorrência de filas significativas. Além disso, o trânsito mostrou-se fluído, mesmo em horários de maior movimento. Destaca-se, nesse contexto, a organização do trânsito local, que se estrutura por meio de rotatórias, sem a presença de semáforos.

A Imersão em Inglês em Aruba ocorreu a partir da iniciativa de duas professoras de inglês, que atuam no ensino particular e organizaram um grupo de alunos interessados em participar de uma experiência imersiva de sete dias, com o objetivo de aprimorar o idioma, em um contexto internacional. A escolha do destino fundamentou-se na experiência prévia de uma das docentes com a ilha, bem como na identificação de condições sociolinguísticas favoráveis à prática do Inglês. Embora seja geograficamente localizada na América Latina, Aruba apresenta ampla difusão do idioma entre a população local, o que potencializa as oportunidades de interação linguística. Além disso, o destino configura-se como uma alternativa relativamente mais acessível do ponto de vista financeiro, em comparação a outros contextos internacionais.

Sobre o grupo da Imersão, são apresentadas agora algumas informações, para fins de contextualização. O grupo foi composto por oito viajantes do sexo feminino, com idades entre 34 e 67 anos; dois participantes do sexo masculino, com idades de 16 e 38 anos. A Imersão foi conduzida por duas professoras de Língua Inglesa, com 37 e 39 anos, responsáveis pela organização e acompanhamento da experiência.

O grupo ficou hospedado em unidades do tipo hotel/AirBnb, na configuração de apartamentos compartilhados por quatro pessoas, cada um composto por dois quartos, um banheiro, cozinha e sala de estar. O grupo se deslocou pela ilha por meio de três carros que foram alugados. O roteiro foi organizado pelas duas professoras, de forma a contemplar, diariamente, visitas a diferentes atrativos turísticos, bem como a realização de atividades, jogos e interações entre os participantes, com foco no uso da Língua Inglesa.

Por meio dessa Imersão, foi possível perceber que Aruba configura-se como um espaço potente de vivências e de ressignificações, em que os viajantes foram convidados a se abrir para novas formas de interação, percepção e construção de sentidos. É nesse cenário que emergem os processos de desterritorialização, autopoiese e aprendizagens, os quais serão aprofundados no texto a seguir.

DESTERRITORIALIZAÇÃO, AUTOPOIESE E APRENDIZAGENS

O fenômeno do Turismo revela-se bastante complexo, assim como o próprio sujeito, na condição de turista. Pode-se dizer que, ao vivenciar a experiência da viagem, o sujeito é atravessado por processos simultâneos de transformação interna e externa, permeado por sensações e emoções — ou *sentires* — e dinâmicas de ressignificações. Nesse percurso, produz/absorve aprendizagens que, em muitos casos, tornam-se marcantes, justamente pelas condições singulares e intensivas em que são vivenciadas.

Para a discussão sobre território, para além da concepção apenas como espaço físico, buscou-se diferentes abordagens teóricas que possibilitassem ampliar essa compreensão. Para iniciar, território pode ser entendido, conforme Milton Santos (2002), como uma articulação entre sistemas de objetos (passados e presentes) e sistemas de ações; como um suporte material das práticas sociais (Castells, 1999); como um lugar que também tem sua “alma” e sua personalidade (Yagizi, 2001); ou ainda com o conceito de topofilia⁸ (Tuan, 1980).

Nesse sentido, no campo do Turismo, o território também pode ser compreendido tanto em sua dimensão material — como os espaços de hospedagem, os atrativos turísticos e os meios de transporte —, quanto em sua dimensão subjetiva. Essa última manifesta-se, por exemplo, no plano do imaginário, quando o sujeito busca informações sobre destinos, consome conteúdos digitais e constrói expectativas a partir de produções audiovisuais. Com esse pensamento, o território — e logo, a desterritorialização — assume caráter de construção subjetiva, sendo continuamente produzido e atravessado ao longo da jornada turística, antes, durante e depois da viagem propriamente dita.

⁸ Yi-Fu Tuan contribui para a compreensão das relações afetivas estabelecidas entre sujeito e lugar, ao evidenciar que: “A topofilia é, então, um sentimento do homem por um lugar, extensivo às pessoas de sua proximidade e afeição, que difere conforme a intensidade e os modos de expressar esses afetos.” (Tuan, 1974, p.7, tradução nossa).

Assim, para este texto, o conceito de desterritorialização não se restringe ao deslocamento físico/geográfico, mas envolve também dimensões simbólicas e subjetivas. Ou seja, trata-se de um movimento entre diferentes territórios, aqui compreendidos de forma ampliada, pois engloba não apenas a mobilidade espacial necessária à viagem, mas também a produção e reconfiguração de imaginários, bem como a abertura a outros modos de existir e de se relacionar com “o outro”. Configura-se, assim, como potencial criação de um campo de encontros, ainda que, inicialmente, signifique a perda do chão de si mesmo, como refere Baptista (2020).

Essa abordagem se alinha à perspectiva da Esquizoanálise (Guattari & Deleuze, 1996), envolvendo também, em outras palavras, o deslocamento psicológico dos sujeitos. Nesse sentido, há a produção dos próprios sujeitos, resultante de processos de apropriação, envolvendo a subjetividade e se expressam em modos de agir e se relacionar (Guattari & Rolnik, 2000). Assim, conforme já discutido por Baptista (2021) e Silva e Baptista (2023), há uma transversalização de universos existenciais desejantes, produzida a partir dos processos de desterritorialização dos sujeitos e dos encontros entre diferentes mundos e subjetividades.

Nessa dinâmica, o próprio sujeito configura-se como espaço de sensibilidade, influenciando e sendo influenciado pelos outros sujeitos com os quais interage, em um processo contínuo de transformação e ressignificação, como em: “[...] não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato” (Maturana, 1998, p.22). Dessa forma, os lugares tornam-se cenários de ações e *sentires*, cuja significação e intensidade depende, em grande parte, da abertura de cada sujeito, como sugere Humberto Maturana: “Cada vez que há um encontro, o que ocorre depende de nós”. (Maturana, 1998, p.64).

Nesse ponto, o conceito de Dobras (Deleuze, 1988), já discutido em outro momento (Thomazi, 2019), contribui para compreender a experiência da viagem como um movimento, marcado por diferentes intensidades, podendo ser umas maiores, outras menores. Essas dobras podem ser percebidas em momentos aparentemente simples, como a preparação da bagagem, a despedida de familiares ou no próprio ato de sair de casa, revelando micro acontecimentos de transformação que compõem a experiência turística. Essas dobras, se associadas a dobras de papel, deixam marcas, uma vez constituídas. Vale lembrar que, mesmo ao desdobrar o papel, a marca permanece.

É nesse movimento que se articula o conceito de autopoiese, pois o movimento da viagem implica em um processo de reinvenção do sujeito, que mobiliza esforços não apenas externos, mas, sobretudo, internos. A autopoiese, entendida como autocriação (Maturana & Varela, 2011; Capra, 2004, 2010) refere-se à capacidade dos sistemas vivos de se produzirem e se reorganizarem continuamente: “Auto, naturalmente, significa “si mesmo” e se refere à autonomia dos sistemas auto-organizadores, e poiese – que compartilha da mesma raiz grega com a palavra ‘poesia’ – significa ‘criação’, ‘construção’. Portanto, autopoiese significa ‘autocriação’” (Capra, 2004, p. 88). No campo da Comunicação e do Turismo, a autopoiese já é um termo amplamente discutido por Baptista (2013; 2018) e nos estudos do Amorcomtur!, contribuindo para a compreensão de que, ao se desterritorializar, o sujeito também se transforma, aprende e produz novas formas de ser e estar no mundo.

Diante dessas compreensões, o Turismo revela-se como um campo de processos de desterritorialização e autopoiese, nos quais os sujeitos, ao se deslocarem, também se reinventam e produzem aprendizagens que emergem das experiências vividas ao longo das viagens. Nos encontros com o Outro — seja ele território ou sujeito — constituem-se ‘com-versações’, entendidas como dinâmicas de produção compartilhada de saberes e significados. Assim, na sequência deste texto, busca-se compreender como essas ‘com-versações’ se manifestam na experiência da Imersão em Aruba, evidenciando suas contribuições para pensar o Turismo, enquanto prática relacional e processual, bem como a compreensão das aprendizagens construídas pelos sujeitos envolvidos.

‘COM-VERSAÇÕES’: TURISMO E APRENDIZAGENS EM ARUBA

Neste item, são apresentadas algumas situações, microcenos da experiência de viagem e, a partir disso, são feitas reflexões sobre o que essa cena sinaliza em relação ao Turismo, autopoiese, desterritorialização e aprendizagens. As reflexões foram feitas a partir das experiências vividas por uma das autoras, relatadas em diário de pesquisa e discutidas em orientação, como já mencionado anteriormente, nas reflexões metodológicas.

Esses pensamentos estão dispostos como dobras, a partir da perspectiva de Deleuze (1988), compreendidas não como categorias fixas, mas como movimentos de intensidades variadas, podendo ser umas maiores, outras menores, mais extensas ou discretas, variando também de acordo com os sujeitos que vivem esses processos. Essas dobras podem ser vistas como micro

acontecimentos na viagem. Assim como quando se dobra uma folha de papel, mesmo ao desdobrar a folha, a marca fica, a viagem pode marcar os sujeitos de diferentes maneiras e intensidades. A fim de descrever essas dobras sem hierarquização, optou-se por utilizar letras e não numerais, juntamente com uma nomenclatura que se considerou adequada.

No contexto da **Dobra A: pré-embarque**, materializada na reunião de pré-embarque com a agência de viagens, foram compartilhadas orientações sobre passagem aérea, bagagem (de mão e despachada), seguro saúde e outras dúvidas que os viajantes tinham. Essa reunião foi realizada presencialmente para os participantes de Caxias do Sul e gravada e enviada àqueles de outras cidades. Também houve distribuição de kits de viagem, sendo que, aos que eram de outras cidades, os kits foram enviados por correio. Alguns recortes do relato, referentes ao dia dessa reunião, sinalizam para uma busca prévia de informações online ou com outras pessoas: “Pelo que eu pesquisei...”, “Eu vi que...”, “Minha amiga já foi pra lá e...”.

A partir da ocorrência dessa dobra, no momento em que o sujeito volta para casa com seu kit viagem (ou o recebe via correio), intensifica-se um processo marcado pela **curiosidade e ansiedade**. Elementos como frascos pequenos de viagem para produtos essenciais de higiene, tags de mala, porta documentos, toalha de praia passam a operar como agenciadores de expectativas. Desse modo, desde a busca inicial por informações, passando pela reunião pré-embarque até o início de preparação da bagagem, configura-se um processo de construção do desejo, que se transversaliza com imaginário, agora mais “palpável”.

Outra dobra relevante nesta experiência foi a **Dobra B: aeroportos e conexões**. O fato de o voo de conexão ter sido no Panamá foi interessante, pois, nesse território, na ida, os sujeitos participantes da Imersão puderam realmente sentir a condição de “mudar a língua”. Até então, o contato com outras pessoas, como, por exemplo, comissários de bordo da companhia aérea, havia sido em espanhol. No aeroporto do Panamá, percebeu-se, muitas pessoas falando inglês, além do espanhol, o que ocorria tanto em relação aos vendedores locais quanto outros sujeitos que transitavam no aeroporto. Nessa situação, também, embora os sujeitos estivessem em grupo, aqui, é possível perceber a **singularidade** de cada um se sobressaindo, mesmo que em um curto período de tempo. Foi possível observar que alguns preferiram ficar sentados, descansando ou no celular; outros foram passear e conhecer o local, fazer compras, comprar algo para comer, café, banheiro, observar aviões pelo vidro; também houve os que não queriam ficar sozinhos, aceitando “ir junto” com algum outro integrante do grupo.

Essas observações permitem refletir que, embora muitos processos de viagem sejam similares, padronizados e sistematizados, seus efeitos são singulares, atravessados pela **subjetividade** de cada viajante, transversalizando-se pela forma como percebem, interpretam e interagem com as situações vivenciadas. Dessa forma, mesmo em um contexto compartilhado, como o do grupo em deslocamento, o que se constitui é uma multiplicidade de experiências e *sentires*, evidenciando que a viagem não se limita ao percurso ou transporte físico, mas se desdobra em processos subjetivos distintos.

Denomina-se como **Dobra C: incertezas** aqueles momentos da viagem em que, mesmo diante de um planejamento prévio, ocorrem **incertezas e inseguranças** em relação ao que está por vir. Trata-se de uma dimensão presente em qualquer processo de desterritorialização, seja ele mais simples ou mais complexo. Em viagens internacionais, um exemplo dessa dobra é o momento da passagem pela imigração, etapa marcada por sua variabilidade e imprevisibilidade, ainda que os processos sejam semelhantes. Na imersão Aruba, ao chegar no destino final, por mais que houvesse o sentimento de chegada e de “término”, houve também incertezas. Após a passagem pela imigração, conseguiu-se conexão wi-fi no aeroporto, para entrar em contato com os responsáveis pelos carros. Conforme contato prévio, eles já estariam aguardando, do lado de fora. “Eles haviam me explicado, por áudio, onde estariam nos esperando, mas, eu, mesmo liderando o grupo, não estava certa de onde seria. Encontramos eles e fomos até o escritório para assinar o contrato e pagar o valor restante da locação dos carros. Na hora da divisão das pessoas nos carros, ocorreu certa confusão, pois um dos motoristas foi colocando as malas no porta-malas e, no final, as pessoas entraram em qualquer carro, sem saber onde estava a sua mala. Mas, ao chegar na hospedagem, deu tudo certo”. Frases dos viajantes como “E agora, para onde vamos?”, “Vamos sair por onde?”, “Onde estão os carros?”, nos ajudam a refletir sobre como é importante a questão do **cuidado** para que, como líder de grupo, sejam passadas todas as informações de modo preciso e antecipado aos viajantes. Também se observa a questão da **ansiedade**, por parte dos viajantes, no sentido de “querer saber de tudo”, mesmo que se saiba que, ao viajar em grupo, normalmente, há uma pessoa responsável e que vai indicar o “caminho” no momento oportuno.

A chegada à hospedagem representa uma dobra importante de viagem, **Dobra D: condição de chegada**. Trata-se de um conjunto de micro acontecimentos, como o pegar de malas, a entrada, a recepção, o acesso ao quarto, a escolha da cama, o banheiro, o banho relaxante, o primeiro contato com os familiares sobre a chegada. Nesse contexto, há uma transversalidade de

sentires, que atravessa dimensões territoriais, sensoriais e abstratas. A hospedagem, enquanto morada temporária, passa a ser gradualmente apropriada pelo sujeito, como território existencial provisório. Esse movimento também se repete nos dias seguintes, ao retornar de saídas e/ou passeios.

“A [nome] gosta de dormir com o ar (condicionado) ligado e eu, se dormir com o ar ligado, me ataca a garganta”. Essa cena, que compõe a **Dobra E: encontros com o “outro”**, convida a refletir sobre a complexidade envolvida na condução de um grupo, de adultos mas, com singularidades (pessoais e viajantes) diferentes. No âmbito pessoal, cada sujeito carrega consigo suas preferências, hábitos e particularidades. No que diz respeito ao perfil de viajante, manifestam-se diferentes expectativas, ritmos e modos de vivenciar a experiência da viagem.

Houve momentos em que o **roteiro da viagem** também foi pensado de maneira a dividir o grupo, como em: “Tinham duas pessoas que queriam correr, ao nascer do sol. E elas pediram isso, alguns dias antes da viagem, e nós já tínhamos o roteiro previamente definido. Mas, de qualquer forma, achamos que poderia ser incluído. Considerando que também tínhamos pessoas mais velhas no grupo e que, provavelmente, não se interessariam por essa atividade. Incluímos um local ao nascer do sol, para ir com esses viajantes, enquanto os demais poderiam tomar café da manhã no hotel e encontrar o grupo mais tarde”. Isso nos leva a refletir que, assim como um planejamento de aula não é seguido à risca, o roteiro de viagem também pode ser ajustado conforme as diferentes preferências do grupo, mantendo-se atividades que estavam previamente agendadas, mas **flexibilizando** horários e dinâmicas.

Assim, é possível pensar que cada sujeito se constitui de maneira singular, em sua forma de perceber, assimilar e reagir às experiências, ainda que elas sejam compartilhadas por todo o grupo. Do mesmo modo, os sujeitos também se afetam mutuamente, de maneiras distintas. Nesse sentido, vale relembrar, aqui, o filósofo Espinosa, mencionado por Marcondes Filho (2019): “[...] quanto mais apto é o corpo para poder ser afetado de vários modos e para afetar de modos diversos os corpos externos, tanto mais a alma é apta para pensar” (E4, Cap.27, p. 272). Com isso, pode-se refletir sobre a importância desse “encontro com o Outro, diferente do eu”, como condição para ampliar a potência do sujeito e suas aprendizagens, assim como para superar as barreiras linguísticas, ou seja, desbabelizar.

Ainda relativo aos encontros da e na viagem, há encontros com as diferentes culturas e sujeitos que são capazes de desafiar e ensinar, nos encontros e na convivência. Isso se evidencia nos processos relacionais em que o outro se reconhece como legítimo outro em convivência Maturana (1998). Na experiência analisada aqui, o grupo foi constantemente convidado a conviver com sujeitos distintos, nas dimensões pessoais e viajantes. Observou-se, inclusive, a formação de **subgrupos** em alguns momentos, como entre os mais velhos e mais jovens, mais dispostos e mais cansados, evidenciando que, mesmo em experiências coletivas, os sujeitos podem se organizar de acordo com **afinidades e necessidades**. Esse movimento pode ser compreendido por meio da noção de auto-organização, nos sistemas complexos, em que pode haver uma tendência à organização a partir de relações estabelecidas nesse sistema. (Morin, 2003).

Nesse contexto, evidenciaram-se também desafios na condução de uma **imersão** cuja proposta inicial era utilização predominante do Inglês. A ideia, em um primeiro momento, consistia na formação de um grupo voltado à Imersão em Inglês, em que alunos viajassem com objetivo de aprender e aprimorar o idioma, especialmente a habilidade de fala. Diante do interesse de outras pessoas — que não os estudantes — em participar da viagem, optou-se por formar dois grupos, os quais denominamos: Grupo Imersão e Grupo Relax. Essa configuração resultou em um grupo que tinha conhecimento prévio de Inglês e o objetivo de aprimorar o idioma, e outro, com sujeitos interessados em lazer.

Observou-se, também, ao longo da experiência da Imersão, a potência comunicativa nas interações entre os sujeitos e a capacidade de se fazerem compreender por meio de diferentes recursos. “Foi lindo ver como eles conseguiam se comunicar, conseguiam se fazer entender, utilizando Inglês, Espanhol, Italiano ou, muitas vezes, gestos e sinais com as mãos”. Isso ajuda a refletir sobre o que acontece no encontro e nas interações com o outro, e o conceito de comunicação como acontecimento, conforme propõe Marcondes Filho (2004; 2016). Nesse contexto, o desejo de se comunicar e se fazer entender revela-se como uma força mobilizadora. É aí que se insere o conceito de **desbabelização**, inspirado na metáfora da Torre de Babel, tradicionalmente associada à fragmentação das línguas e à incomunicabilidade. Em contraposição à babelização - entendida como a confusão de línguas - a proposta de desbabelizar é uma reformulação do entendimento da comunicação, orientada por uma lógica de amorosidade, que possibilite a superação das barreiras, não somente linguísticas, mas

também culturais e sociais. Foi possível perceber esse movimento nessa Imersão, em que os sujeitos, de uma forma ou outra, eram capazes de se “fazer entender”.

Nesse ponto, a **Dobra F** evidencia a própria **Imersão em Inglês** como um dispositivo de aprendizagem da Língua, na medida em que convoca os sujeitos a se **desterritorializar linguisticamente**, abrindo espaço para o **erro** e, conseqüentemente, para o **aprendizado**. Trata-se de um movimento que implica exposição, tentativa, erros e acertos, no qual não há perfeição, mas experimentação. Foi possível observar esse processo em diversos momentos da viagem, especialmente no contato com outros sujeitos, quando se fez necessário mobilizar estratégias para se comunicar e “se fazer entender”. “Queríamos perguntar às italianas se elas tinham alugado carro. Falei ‘car’, não entenderam, falei ‘coche’, não entenderam. Fiz os gestos representando ‘dirigir’. E então elas disseram ‘aaah, la macchina’! E eu: ‘yes, la macchina’”. Nesse contexto, percebe-se que a comunicação não se apoia apenas no verbal, mas em, pode-se dizer, uma espécie de “pastiche” linguístico, um conjunto de elementos que fazem a comunicação acontecer com o que se tem naquele momento, sem tempo de revisar um livro ou de procurar uma tradução.

Por fim, é importante dizer que, ao sair da zona de conforto, podem acontecer mudanças, até mesmo no “choque” referente ao novo, que pode mexer com certezas prévias e, ao mesmo tempo, se abre para o novo. Percebeu-se, nessa experiência, em alguns sujeitos, alterações perceptíveis tanto em relação ao conseguir se comunicar melhor como em relação à confiança referente a comunicação na Língua Inglesa. Mesmo os viajantes com nível mais iniciante no idioma, por meio de atividades mais simples, constataram que é possível, o que se pode perceber em: “Até que não é tão difícil assim”. O que esse tipo de Imersão propõe, afinal, é um “forçar para frente”, nas palavras de Marcondes Filho (2019), é como um incentivo, ou empurrão, para que o sujeito possa se permitir, ir, fazer, errar, acertar e experienciar. E, dessa forma, o desafio da desterritorialização e da Língua tornam-se, ao mesmo tempo, desafio e motor/alavanca para a aprendizagem.

O quadro 2 apresenta uma síntese das dobras apresentadas.

Quadro 2. Síntese das Dobras Deleuzianas

Dobra Deleuziana	O que/Fatos	Reflexões
Dobra A: pré embarque	Pesquisa prévia de informações Reunião pré embarque Preparação da bagagem	<i>Desejo</i> passa a se transversalizar com <i>imaginário</i> , agora mais “palpável” Curiosidade Ansiedade
Dobra B: aeroportos e conexões	Aeroportos Conexão no Panamá	Mudar da língua Singularidade dos sujeitos Subjetividade
Dobra C: incertezas	Passagem pela imigração Localização dos carros alugados Ida ao escritório para assinar o contrato	Incerteza e inseguranças Ansiedade Cuidado, como líder, ao passar as informações
Dobra D: condição da chegada	Chegada à hospedagem	“Real” momento da chegada Morada temporária
Dobra E: encontros com “o outro”	Roteiro de viagem Visitações Atividades Subgrupos	Encontro com “o outro” Flexibilidade no roteiro Afinidades e necessidades
Dobra F: contexto de Imersão	Imersão em Inglês	Desterritorializar linguisticamente Aprendizado da Língua Abertura para o aprendizado e para o erro Se fazer entender Desbabelização

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026) com base em Deleuze (1988).

CONSIDERAÇÕES TEMPORÁRIAS

Este artigo buscou compreender marcas latino-americanas em processos de desterritorialização, autopoiese e aprendizagem nas vivências dos sujeitos, contribuindo para a (re)configuração das experiências linguísticas, turísticas, comunicacionais e subjetivas, em uma lógica ecossistêmica. O texto foi desenvolvido a partir de relatos de experiência de viagem, cuja proposta era a imersão em Língua Inglesa, em Aruba.

O fato de haver uma confluência linguística no país revelou-se uma oportunidade investigativa, de reflexão sobre as formas de comunicação e do esforço latino-americano para garantir a boa convivência. Foi possível observar sinalizadores de disposição a abertura ao encontro, que se

manifestam na tentativa expressa de compreender, ajudar e acolher sujeitos vindos de diferentes territórios e culturas.

A partir das dobras deleuzianas, percebeu-se que o processo de desterritorialização vivido pelos sujeitos da Imersão, é atravessado por múltiplas experiências sensíveis, emocionais e relacionais. Isso se percebe, por exemplo, na espera em aeroportos, nos deslocamentos, na hospedagem, nas incertezas, nos encontros com o Outro, na tentativa de se comunicar em outras Línguas.

Pode-se dizer que o Turismo provoca processos autopoieticos no sujeito, pois as interações sociais agenciam mudanças internas, ressignificações e transformações, que permeiam o antes, o durante e o depois da viagem. A experiência da Imersão, portanto, ultrapassa a dimensão do aprendizado da Língua Inglesa — que era a proposta inicial da viagem — constituindo-se como uma imersão linguística, cultural, social e subjetiva. O fato de a imersão ter ocorrido na América Latina fez emergir sinalizadores de potência de interação, no sentido de superação das diferenças linguísticas, culturais e sociais.

18

Nesse sentido, percebeu-se, por meio das experiências relatadas neste texto, que a viagem pode produzir deslocamentos e encontros, potencializando processos de reinvenção dos sujeitos, ampliando aprendizagens linguísticas, culturais e existenciais. Há algumas marcas latino-americanas, que podem vir a se constituir como sinalizadores para a potencialização de ecossistemas turísticos e ecossistemas comunicacionais linguísticos: amorosidade, abertura para o encontro e convivência. Isso acontece pela deriva histórica de colonização e de constituição de territórios, por ondas de migrações, mestiçagem e miscigenação, bem como pela histórica condição de precariedade capitalística, o que desafia o cotidiano de subsistência, ao mesmo tempo que ensina a importância do compartilhamento, da cooperação e acolhimento.

REFERÊNCIAS

- Aruba Tourism Authority. (2026). *ATA monthly report*: February 2026. [Link](#)
- Baptista, M. L. C. (2013). Desterritorialização desejante em turismo e comunicação: Traços especulares e de autopoiese inscricional. In *Anais do 14º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil. Intercom/UNISC. [Link](#)
- Baptista, M. L. C. (2014). *Cartografia dos saberes: um modo de conhecer sensível*. Caxias do Sul: UCS Editora.

- Baptista, M. L. C. (2018). *ETC - Ecosistemas turístico-comunicacionais subjetivos: Sinalizadores teórico-metodológicos, no estudo de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, considerados a partir de sua característica ecossistêmica, caosmótica e autopoietica* (Projeto de pesquisa, Universidade de Caxias do Sul). Cópia.
- Baptista, M. L. C. (2020). *A trama dos saberes: amorosidade e complexidade na pesquisa*. Caxias do Sul: UCS Editora.
- Baptista, M. L. C. (2021). Amorosidade, autopoiese e “com-versações”: A potência dos “entrelaços nós” na educação e na ciência. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 16(4), 2358–2378.
- Baptista, M. L. C., & Eme, J. B. (2023). Estratégias de ‘sobre-vivência’ metodológica na viagem investigativa para a ciência no mundo novo: Dimensão trama, cartografia dos saberes e matrizes rizomáticas. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 18(00), e023042.
[Link](#)
- Capra, F. (2004). *A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos* (9ª ed.). Pensamento-Cultrix.
- Capra, F. (2010). *As conexões ocultas: Ciência para uma vida sustentável* (6ª ed.). Pensamento-Cultrix.
- Castells, M. (1999). *A era da informação: Economia, sociedade e cultura*. Paz e Terra.
- Crema, R. (1989). *Introdução à visão holística* (5ª ed.). Summus.
- Deleuze, G. (1988). *A dobra: Leibniz e o Barroco*. Papirus.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1996). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (Vols. 1–5). Ed. 34.
- Guattari, F., & Rolnik, S. (2000). *Micropolítica: cartografias do desejo* (6ª ed.). Vozes.
- Marcondes Filho, C. (2004). *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?* São Paulo: Paulus.
- Marcondes Filho, C. (2016). *Teorias da comunicação, hoje*. São Paulo: Paulus.
- Marcondes Filho, C. (2019). *A comunicação do sensível: Acolher, vivenciar, fazer sentir* [Recurso eletrônico]. ECA/USP.
- Maturana, H. R. (1998). *Emoções e linguagem na educação e política*. Belo Horizonte: UFMG.
- Maturana, H. R., & Varela, F. J. (2011). *A árvore do conhecimento: As bases biológicas da compreensão humana* (9ª ed.). São Paulo: Palas Athena.
- Morin, E. (2002). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* (6ª ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2013). *A relação dos saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Thomazi, M. R., & Baptista, M. L. C. (2026). Ecosistema turístico Aruba: relatos de experiência de desterritorialização, autopoiese e aprendizagens, 18(01), e180116.
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v18ipe180116>

- Rolnik, S. (2006). Cartografia sentimental. In: Rolnik, S. (Org.), *Micropolítica: cartografias do desejo* (pp. 85–104). Petrópolis: Vozes.
- Santos, B. de S., & Meneses, M. P. (Orgs.). (2017). *Epistemologias do Sul*. Cortez Editora.
- Santos, M. (2002). *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. EDUSP.
- Silva, R. L., & Baptista, M. L. C. (2023). Sapere aude – Dare to know: Narratives and epistemological reflections on science and tourism research. *Journal of Social Sciences: Transformations & Transitions (JOSSTT)*, 3(6), 25. [Link](#)
- Thomazi, M. R., & Baptista, M. L. C. (2016). Trama de ações investigativas participantes para a pesquisa de turismo em hostel. In *XIII Seminário Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*. São Paulo, SP, Brasil.
- Thomazi, M. R., & Baptista, M. L. C. (2017). Comunicação-trama em hostels: Reflexões a partir do relato de experiências. In *Anais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*. Caxias do Sul, RS, Brasil.
- Thomazi, M. R. (2019). *Hostel: território de hospedagem marcado pela trama turístico-comunicacional* [Dissertação de mestrado, Universidade de Caxias do Sul]. Repositório Institucional UCS. [Link](#)
- Tuan, Y.-F. (1980). *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (L. de Oliveira, Trad.). DIFEL.
- Yázigi, E. (2001). *A alma do lugar: Turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas*. Contexto.